

O LÚDICO E A NATUREZA ¹

Alcyane Marinho

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o elemento lúdico e sua relação com atividades praticadas na natureza. Movidas por culturas tecnológicas, as pessoas estão cada vez mais sendo dominadas pela velocidade e pela mobilidade, não somente por informações, mas, igualmente, por sensações e imagens. Neste contexto, o lúdico pode ser percebido como contraponto à seriedade e à produtividade, gerando mais que sensações de prazer e alegria, podendo ser interpretado como componente portador de grande potencial transformador, diante da velocidade contemporânea. É crescente o interesse pelo ecoturismo e sua multiplicidade de opções; contudo, entender tal processo, requer, de antemão, um olhar sobre nós mesmos, atento ao que nos liga e nos separa do meio ambiente. Esse olhar implica, inclusive, em reconhecer que a simples visita à natureza nem sempre é suficiente para proporcionar aos turistas, visitantes e aventureiros empatia com outras formas de vida, bem como uma interação pessoal com elas. O lúdico constitui-se em uma possibilidade por meio da qual a visita à natureza pode ser intensificada, possibilitando maior interação entre as pessoas e o meio ambiente. Fato este que pode aguçar a compreensão da necessidade de conservação deste ambiente que se encontra ameaçado e do qual fazemos parte.

A velocidade contemporânea

De antemão, vale a pena destacar que outros autores, como Virilio (1998) e Sevckenko (2001), dentre outros, já se dedicaram à discussão dos movimentos de aceleração manifestados no mundo contemporâneo, ora apresentando conseqüências positivas, ora negativas.

Com base em algumas idéias de Milton Santos (1997), é possível constatar que a aceleração contemporânea representa momentos culminantes na história abrigando forças concentradas, explodindo para criar coisas e fatos novos, ou seja, tipos de perturbações

¹ Este trabalho constitui-se em uma síntese do capítulo “Repensando o lúdico na vida cotidiana: atividades na natureza” (Marinho, 2004).

aparentemente sem sentido. Vêm daí as reações diversas de admiração ou de medo diante do inusitado e da dificuldade de compreensão dos novos esquemas que expressem a ordem vigente.

Como argumenta Baudrillard (1995), vivemos a era dos signos e símbolos, os quais acabam por tomar o lugar de coisas verdadeiras. Nesse sentido, a primeira “tentação”, como acredita Milton Santos (*op. cit.*) é a da adoração à velocidade. Tal fato se mostrou diante daqueles que viram surgir a estrada de ferro e o navio a vapor e, posteriormente, participaram da invenção e da difusão do automóvel, do avião, do telefone, do rádio etc.

Dessa forma, pode-se afirmar que as novas tecnologias, potencializadas pelo processo de aceleração, contribuem para que imagens extraordinárias fortifiquem um mercado consumidor, tendo como base o fascínio das pessoas por atividades que carreguem mensagens de aventura, fortes emoções e, de preferência, que seja capaz de fazê-las se deslocar das rotinas cotidianas.

Mais ainda: o processo de aceleração impõe novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das idéias, adicionando, igualmente, novos fatos à história. Por meio da evolução do conhecimento e utilizando-se de inovados materiais e formas de energia, tal processo é aliado das novas evoluções das potências e dos rendimentos, da expansão urbana e da explosão do consumo. Milton Santos (*idem*) alerta que a aceleração é resultado também da banalização da invenção, argumentando que tal processo não é exclusivo da velocidade, mas de uma outra vertigem, trazida com o império das imagens e das formas, por intermédio da engenharia das comunicações, a qual, por sua vez, serve à mídia, impedindo que se imponha a idéia de duração e a lógica da sucessão.

Assim, tendo como base esses referenciais, talvez se possa afirmar que as atividades relacionadas à natureza (principalmente atreladas ao ecoturismo) fazem parte de uma cultura que se mostra, inegavelmente, espetacular e tecnológica, movida pela aceleração contemporânea; contudo, procurar entender a faceta lúdica nelas existente pode desvelar outras potencialidades.

O lúdico e as atividades na natureza

Em um primeiro momento, pode parecer extremamente fácil investigar e refletir sobre o elemento lúdico, uma vez que grande parte das pessoas que se dedica a isso o considera como fonte de entretenimento e diversão ou como uma mera atividade não muito útil à esfera produtiva.

Cabe, então, alertar que a essência da dimensão lúdica está sendo aqui entendida para além dos aspectos diversão e entretenimento, comumente a ela relacionados. Os mesmos são imprescindíveis, porém não exclusivos. Compartilhando da expressão de Alves (1986), a atividade lúdica é muito mais que tudo isso, é, por si só, um “ato de rompimento”.

Aliada a este primeiro equívoco, pode-se constatar uma dificuldade em conceituar diversas palavras relacionadas a manifestações lúdicas. Vários autores, com base em dicionários e obras especializadas, têm tentado encontrar definições; contudo, não há um consenso efetivo na literatura.

Milhares de significados podem ser encontrados em verbetes dos dicionários de língua portuguesa, possibilitando a restrição do conceito ao uso de palavras, as quais, por serem imprecisas, impedem a constatação da abrangência do lúdico como manifestação. Pois ele, ao se atrelar também a experiências subjetivas manifestadas na esfera do simbólico, resiste a quaisquer interpretações meramente racionais, podendo ser um modo de comportamento, uma intencionalidade humana.

Colocadas essas breves e necessárias considerações sobre a palavra “lúdico”, torna-se possível afirmar que a sua manifestação ocorra no interior de um movimento contraditório, travado na vida cotidiana, como mostra Oliveira (1997), podendo, de uma forma, ser mero reprodutor de práticas e imagens alienantes ou, de outra, ser facilitador de expressões críticas, criativas e prazerosas.

É crescente o interesse pelo segmento ecoturismo e sua multiplicidade de opções; contudo, entender tal processo, visando à compreensão da busca pela interação da sociedade com a natureza não é tarefa fácil, requerendo, de antemão, um olhar sobre nós mesmos, atento ao que nos liga e nos separa dela.

Esse olhar implica, inclusive, em reconhecer que a simples visita à natureza nem sempre é suficiente para proporcionar aos turistas, visitantes e aventureiros empatia com outras formas de vida, bem como uma interação pessoal com elas. Daí a importância da proposta de Cornell (1997) referente a um *aprendizado sequencial*, o qual é capaz de despertar, sutilmente, a percepção da natureza.

Cornell (*idem*) propõe cinco regras do ensinamento ao ar livre dirigidas a guias, monitores e educadores em geral que pretendem acompanhar algum grupo: ensine menos e compartilhe mais; seja receptivo; concentre a atenção no grupo; observe e sinta primeiro, fale depois; crie um ambiente leve, alegre e receptivo.

Os princípios básicos subjacentes a essas regras são: interdependência, complementaridade, respeito, diversidade, cooperação, flexibilidade, sensibilidade, interesse e responsabilidade.

Com base nesses princípios, o autor desenvolveu a metodologia denominada *aprendizado seqüencial*, visando a organizar as atividades, auxiliando o educador que busca por mais e melhores interações com o meio ambiente, trabalhando com a percepção dos elementos naturais. Tal metodologia é composta por quatro estágios: 1) “Despertar o entusiasmo”; 2) “Concentrar a atenção”; 3) “Dirigir a experiência” e 4) “Compartilhar a inspiração.

O autor propõe inúmeras atividades para serem desenvolvidas conforme a seqüência dos estágios descritos; contudo, como ele mesmo alega, não se deve ficar “engessado” à ordem de tais princípios, pois o *aprendizado seqüencial* não é um sistema rígido, permitindo que as atividades de cada estágio sejam adaptadas conforme o perfil e o interesse do grupo acompanhado.

Dessa forma, tais intervenções podem, de maneira interessante, ser visualizadas no acompanhamento de grupos que praticam atividades de aventura na natureza, uma vez que, infelizmente, grande parte das empresas responsáveis pelo desenvolvimento das atividades, muitas vezes, transmite poucas informações (ou nenhuma) para além dos aspectos práticos propriamente ditos. Este fato pode comprometer a experimentação de uma pessoa que, por exemplo, nunca tenha passado por esses tipos de situações, as quais envolvem um grande controle informacional do corpo, uma intensa proximidade com a natureza e uma maximização dos sentidos, entre outros fatores.

Tais argumentações se comprovam quando são observados mais atentamente os conteúdos transmitidos nos cursos voltados aos profissionais de atividades de aventura.

Seria interessante, então, que nos conteúdos a serem transmitidos aos visitantes da natureza fossem acrescentados outros elementos referentes a uma dimensão educativa mais sólida e lúdica com relação à natureza, o que não se limita a seus aspectos meramente práticos.

Nesse sentido, as idéias contidas na proposta do *aprendizado seqüencial* parecem ser bem-vindas. Nele é possível ser visualizada uma intensificação de sensações prazerosas, alegres e espontâneas; ou seja, pode-se observar a manifestação do lúdico em sua essência e, por conseqüência, podem ser efetivadas positivas mudanças de atitudes e comportamentos referentes ao estar *na* e *com* a natureza.

É estabelecida uma forte cumplicidade do praticante com o seu corpo, com seus parceiros e com a natureza, momento no qual se alcança uma genuína experiência lúdica. O ato de compartilhar, portanto, também delinea as características de uma atividade lúdica.

Inúmeras são as possibilidades de utilização de dinâmicas, cabendo ressaltar que todas elas, de forma genérica, podem ser utilizadas visando a uma experimentação mais intensa das atividades de aventura. As mesmas podem ser adaptadas, conforme o perfil do grupo, a faixa etária e os objetivos almejados.

Vale destacar que alguns estudos já vêm realizando esses tipos de intervenção. Marinho & Schwartz (2001: 80-85) apresentam uma proposta que visa a desenvolver o conteúdo de algumas atividades sensitivas em cavernas. Tal proposta evidencia a riqueza no desenvolvimento de tais atividades, extrapolando a mera visita consumista e, muitas vezes, alienada nesses ambientes, possibilitando uma vivência representativa em termos de mudanças de valores e comportamentos que tangenciam a relação humana com a natureza.

Esse tipo de atividade é baseado na capacidade de interação com espaços, objetos, imagens, pessoas, sons, para se expressar criativa, prazerosa e emocionalmente. Elas têm como objetivo: ampliar o domínio corporal, o repertório motor; facilitar os processos de comunicação e expressão corporal; conduzir à ressignificação do corpo; possibilitar o seu desfrute plena e ludicamente e estimular, assim, a capacidade criativa, individual e coletiva.

Sugerir que as visitas à natureza estejam atreladas a processos educativos ou outras formas de intervenção torna-se importante quando se reconhece a necessidade da promoção de práticas mais sensíveis e conscientes, capazes de despertar nos sujeitos novas atitudes que contribuam, em um sentido mais amplo, para a qualidade de vida humana na Terra.

Considerações finais

O principal objetivo deste trabalho foi apontar que a vida cotidiana não deve ser entendida simplesmente como palco de práticas mecanizadas e rígidas, pois ela contém uma multiplicidade de potencialidades, aqui ilustradas pela faceta lúdica, manifestada nas atividades praticadas na natureza.

Quando se consegue, no espaço compartilhado, viver momentos de menos atribulações e agitações é possível contradizer situações da vida ávida de tempo que muitas pessoas experimentam nas sociedades contemporâneas, conforme tentam utilizar meios tecnológicos para fazer inúmeras coisas em um tempo cada vez mais curto e com maior grau de perfeição.

Tocar uma folha, sentir seu odor, perceber sua textura e conseguir relacionar sua importância com a vida humana são exemplos de possibilidades mais sensíveis em um mundo tão veloz e racionalizado.

Muitas pessoas que vão ao encontro da natureza na tentativa de se aventurar por matas e rochas, cachoeiras e abismos, de contemplar ou de fazer algo que ainda não descobriram o que é, podem encontrar em simples experimentações oportunidades transformadoras.

O lúdico constitui-se em uma possibilidade por meio da qual a visita à natureza pode ser intensificada, possibilitando maior interação entre as pessoas e o meio. Tais situações, por sua vez, aguçam a compreensão da necessidade de conservação de um ambiente que se encontra ameaçado e do qual fazemos parte. É possível, dessa forma, concordar com Milton Santos (1997:36) que “*o problema não é apenas proteger recursos e lugares, mas valorizar a essência do homem*”. Daí a necessidade de intervenções que envolvam questões coletivas e pessoais.

Portanto, estar *na e com* a natureza, nos dias atuais, conforme novos códigos e comportamentos, pode ser uma oportunidade privilegiada de encontro com o elemento lúdico, momento no qual não se pretende evadir-se da realidade, como teme Alves (*op. cit.*), mas no qual se busca construir uma nova realidade, desistindo da lógica dominante das coisas, arriscando um ritmo menos veloz, tornando-se criativo e contribuindo para a construção de uma outra história.

Referências

- ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. São Paulo, Papirus, 1986.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro, Elfos, 1995.
- CORNELL, Joseph. *Brincar e aprender com a natureza*. São Paulo, Senac, Melhoramentos, 1996.
- CORNELL, Joseph. *A alegria de aprender com a natureza*. São Paulo, Senac, Melhoramentos, 1997.
- MARINHO, Alcyane. Repensando o lúdico na vida cotidiana: atividades na natureza. In: SCHWARTZ, Gisele M. *Dinâmica lúdica: novos olhares*. São Paulo: Manole, 2004, p.189-204.
- MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele M. Caverna do Fazendão: experiências turísticas de sensibilização. In: *Turismo em Análise*. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, v. 12, nº. 1, mai/2001, p. 80-85.
- OLIVEIRA, Paulo S. O lúdico na vida cotidiana. In: BRUHNS, H. T. (org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997, p.11-32.

SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A.; SCARLATO, Francisco C.; ARROYO, M. (orgs.). *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo, Hucitec, 1997, p.15-22.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAÚJO, Hermetes Reis (org.). *Tecnociência e cultura - ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo, Estação Liberdade, 1998, p.127-146.